

Sociedade

Quando os professores ajudam a encontrar o rumo da vida



GERARDO SANTOS/GLOBAL IMAGES

Filho de uma professora do 1.º ciclo, o ministro Tiago Brandão Rodrigues cresceu rodeado de professores. Mas foi Fernanda Barbosa, professora de Físico-Química, quem lhe despertou a chama da ciência.

“Despertou em mim o gosto pelas ciências”

TIAGO BRANDÃO RODRIGUES O ministro da Educação já vivia “rodeado” de professores muito antes de sequer imaginar que viria a sentar-se na cadeira de governante, no edifício da Avenida 5 de Outubro. “A minha mãe era professora do 1.º ciclo e muitos dos amigos lá de casa eram professores do 1.º, do 2.º, do 3.º ciclo, do ensino secundário. Por isso o mundo dos professores sempre recheou muito a minha vida”, conta.

Enquanto estudante – primeiro na escolaridade obrigatória, depois no secundário feito em Braga – longe de Paredes de Coura, onde nasceu, e da família, mais tarde como estudante universitário – garante sempre ter visto nos professores “verdadeiros aliados do meu dia-a-dia”, orgulhando-se de manter como “amigos” alguns daqueles com quem se foi cruzando.

Dito isto, há quase sempre algum professor que nos marca profundamente. Que nos encaminha para um rumo. E Brandão Rodrigues também teve o seu. Ou antes: a sua. “A professora que eu tinha no 9.º ano, de Físico-Química, a professora Fernanda Barbosa, foi alguém que claramente despertou em mim o primeiro impulso e o gosto pelas ciências experimentais e pelo entendimento da magia da Física e da Química. Mostrou-me que entender melhor essas ciências era uma arma fundamental para entender me-

lhor o nosso entorno, as próprias ciências da natureza, todas elas.”

Naturalmente inclinado para a biologia, o ministro acredita que foi “desse casamento entre o amor que tinha naturalmente à biologia e o entendimento da pertinências da física, da química”, que lhe moldou o trajeto que o levaria a doutorar-se em Bioquímica, em Coimbra, e a fazer investigação na área oncológica na Universidade de Cambridge, no Reino Unido.

“É esse entendimento que me leva anos mais tarde, três anos mais tarde, a estudar Bioquímica, e que me leva já nesse ano, o 9.º ano, a deixar Paredes de Coura, o sítio onde eu vivia, e a ir para Braga estudar Quimicotecnia, uma das áreas que não havia em Paredes de Coura”, recorda. “A professora Fernanda teve o mérito, o poder de demonstrar como ciências exatas, experimentais, aparentemente desprovidas de encantamento à partida, se tornam absolutamente mágicas quando entendemos verdadeiramente o seu significado”, resume.

Quanto ao papel dos professores no país, não tem dúvidas de que “as melhorias continuadas no nosso sistema educativo mas também da nossa democracia, na robustez da nossa economia e, acima de tudo, nos nossos índices de bem-estar” se devem em grande parte aos esforços desta classe.

A exigência e o rigor de Maria Ondina Figueiredo e a perseverança de Rodrigo Martins foram essenciais para que Elvira Fortunato viesse a construir uma carreira de sucesso em investigação científica



RENALDO RODRIGUES/GLOBAL IMAGES

“Ensinou-me que devemos pensar alto”

ELVIRA FORTUNATO Aos 20 anos, quando estava a meio da licenciatura de Engenharia Física e de Materiais, Elvira Fortunato terá achado que Maria Ondina Figueiredo, professora de Cristalografia, era “um bocadinho exigente”. Hoje reconhece que foi graças a essa exigência que percebeu “a importância do rigor científico” para a investigação, a área que escolheu seguir. “Foi uma professora que me marcou imenso devido à exigência, ao rigor, à cultura científica vastíssima que tinha”, diz ao DN a cientista portuguesa, de 53 anos.

A investigadora da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa não sabe ao certo em que ano foi aluna de Ondina Figueiredo, mas estima que terá sido a meio da licenciatura, naquela altura de cinco anos. “Aqueles conceitos marcaram-me até hoje. Foi uma excelente professora”, sublinha. Já nos últimos anos do curso, Elvira foi aluna de um professor que também viria a marcá-la para o resto da vida, mas por lhe ter passado outros valores: Rodrigo Martins, o homem que veio a tornar-se seu marido.

“Na disciplina de Materiais Semicondutores, incutiu-me outros valores como a persistência, a perseverança, que os impossíveis não existem e que nunca temos de ter preconceitos de superioridade ou de inferioridade”, lembra a investigadora. Rodrigo ensinou-

-lhe que, “tal como dizia Fernando Pessoa, pequenos já somos, devemos pensar sempre alto”.

Juntos, os investigadores do Centro de Investigação de Materiais da Universidade Nova de Lisboa (Cenimat) criaram transístores de papel, em 2008, uma invenção com a qual chegaram à final do Prémio Europeu Inventor 2016 pelo Instituto Europeu de Patentes. Mas essa é apenas uma das mais de 40 patentes registadas pelo grupo da investigadora, a primeira portuguesa a ganhar uma Bolsa Avançada do European Research Council (ERC), no valor de 2,5 milhões de euros.

Daquilo que vê na faculdade, Elvira Fortunato diz que a relação entre o professor e o aluno tem vindo a mudar. “Noto que hoje há uma maior aproximação entre o professor e o aluno. Antigamente as aulas eram mais formais, os professores eram mais conservadores”, justifica. A “grande barreira” que existia entre professores e alunos está, segundo a cientista, a desaparecer, sem que, no entanto, se percam valores como o respeito. “A distância que existia já não é a mesma. Já não há aquela ideia de que o professor está no alto e os alunos estão em baixo.” Uma mudança que, na opinião da investigadora, permite que “as matérias sejam mais bem explicadas e assimiladas por parte dos alunos”.

Dia do professor. Hoje é o dia deles. Sem eles, sem alguns deles, talvez Joana Vasconcelos nunca tivesse sido artista plástica, talvez Tiago Brandão Rodrigues nunca tivesse descoberto que as ciências exatas revelam-se mágicas quando entendemos o seu verdadeiro significado, tornando-se bioquímico, talvez Elvira Fortunato não fosse hoje uma das mais inovadoras cientistas na área das componentes eletrónicas transparentes e de papel, ou Frederico Morais não tivesse conseguido conciliar os estudos com o objetivo de chegar à elite do *surf*. PEDRO SOUSA TAVARES, JOANA CAPUCHO, MARIANA PEREIRA E RUI FRIAS



PAULO SPRANGER/ GLOBAL IMAGES

“Valia a pena você ir para a António Arroio”

JOANA VASCONCELOS Se não fosse um professor chamado Isolino Vaz, talvez não existisse o *Pop Galo*, o gigante galo de Barcelos feito de azulejos, *Marilyn*, aqueles enormes sapatos feitos de tachos, ou *A Noiva*, o colossal lustre feito de tampões higiénicos que o Palácio de Versalhes recusou. Talvez não existissem porque talvez Joana Vasconcelos não se tivesse tornado artista. “Se o professor Isolino Vaz não me tivesse ajudado a entrar na [Escola] António Arroio, as coisas hoje poderiam ser bem diferentes... Poderia não ter acabado o liceu, poderia não me ter tornado artista...”, escreve ao DN a artista plástica, hoje com 45 anos.

Conheceu-o ainda na Secundária Marquês de Pombal, em Lisboa. “Desenhava muitíssimo bem e achava que eu também tinha jeito para as artes. Felizmente, sempre tive muita liberdade e apoio em casa para poder encontrar o meu rumo, sem barreiras impostas. Contudo, fora do meio familiar, talvez tenha sido o professor Isolino Vaz o primeiro a incentivar-me a seguir a carreira artística. Dizia-me: ‘Valia a pena você ir para a António Arroio.’ Eu não tinha nota para me candidatar porque era preciso ter pelo menos média de 15, mas ele estava tão convencido de que esse seria o lugar certo para mim que convenceu a professora de Trabalhos Manuais a subir-me o valor necessário para tal. Nessa altura, a António Arroio,

além de ser longe de casa, tinha muito má fama, mas fui na mesma e ali estudei Joalheria e Desenho.”

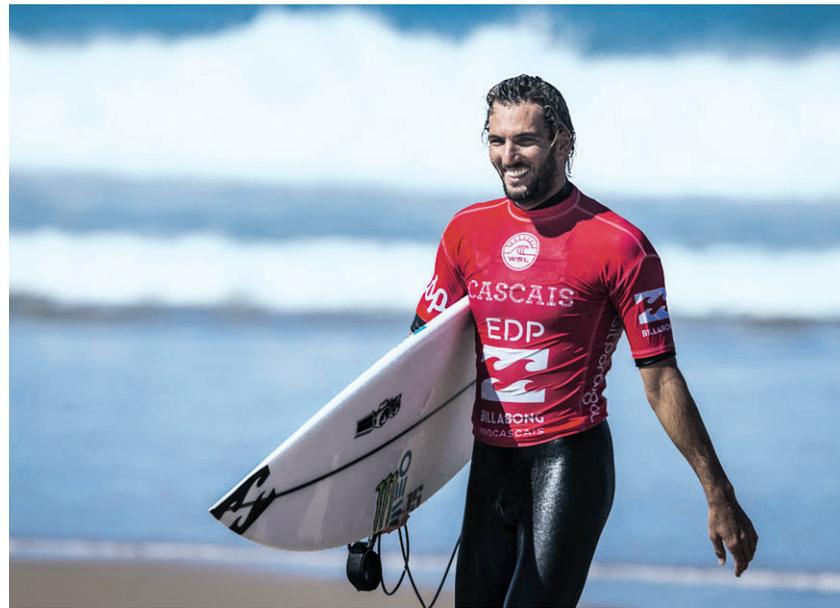
Perguntamos-lhe se o professor ainda hoje aparece no seu quotidiano. “Há uns anos lembrei-me especialmente dele quando fui convidada a desenhar uma minissérie de moedas relacionadas com os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro. O professor, além do desenho, também estava ligado à numismática e, portanto, estudava e desenhava moedas, selos e notas. Naturalmente, ao longo de todo o processo lembrei-me carinhosamente dos vários ensinamentos que me deixou”, conta.

Mãe de uma menina de 6 anos, Joana Vasconcelos diz que a filha “está numa idade crucial, em que as relações que tiver com os professores podem ser determinantes para o futuro dela”. E acrescenta: “Se calhar só hoje percebo como o papel de um professor/a pode ser tão fundamental. Um bom professor ajuda-nos a criar hábitos e a ter referências que nos conduzem na vida.”

A artista lembra ainda uma outra professora que teve no Liceu Francês: foi a sua primeira “stora má”. “Era uma mulher dura e severa, à moda antiga. Dizia-nos: ‘Vocês não sabem o que é estar no mundo.’ Na altura, a frase marcou-me e despertou-me curiosidade, pois pensava que o mundo havia de ser alguma coisa de especial.”

A artista plástica fala de Isolino Vaz, o professor de Desenho sem o qual, conta, talvez não se tivesse tornado artista. Joana Vasconcelos diz que “um bom professor ajuda-nos a criar hábitos e a ter referências que nos conduzem na vida”

O surfista Frederico Morais lembra a compreensão e a ajuda dos professores ao longo de um trajeto marcado desde cedo por várias viagens pelo mundo, atrás das ondas. E destaca o papel da mãe, uma “professora” especial



WIS/WSUPOLLENOT

“Contribuíram para poder perseguir o meu sonho”

FREDERICO MORAIS Na vida de alguém que, como Frederico Morais, desde muito novo começou a percorrer o mundo com uma prancha à procura das melhores ondas do *surf* é fácil perceber que a relação com a escola não foi a mais convencional. Mas nem por isso menos marcante, garante o surfista de Cascais, de 25 anos.

Desde os 10 anos que Kikas começou a passar muito tempo fora do país por causa do *surf*, passando um mês no Havaí por altura do Natal e outro na Austrália por volta da Páscoa. O que exigiu uma cooperação e compreensão nem sempre fáceis na escola. No entanto, o surfista refere que teve “a sorte de ter tido professores que o ajudaram a perseguir” o seu sonho de chegar à elite mundial.

“Não consigo nomear apenas um professor que me tenha marcado, pois tive a sorte de ter vários professores que me ajudaram, facilitaram em coisas como a alteração de datas de testes nas vezes que faltei porque estava ou a treinar ou a competir. Tudo isso me permitiu seguir o meu trajeto e não desistir dos estudos”, explica Kikas, que em casa (ou em viagem) teve também a ajuda essencial de uma “professora” muito especial: a mãe. “A minha mãe ajudou-me muito. Havia certas semanas em que faltava às aulas e era realmente difícil acompanhar tudo, mas ela ia comigo nas viagens, para me ajudar a estudar e para eu não perder nada”, recorda Kikas, que conciliou o *surf* as aulas até ao 12.º ano. Depois, teve de tomar uma opção.

“Acabei o 12.º ano e a partir daí era impossível conciliar as duas coisas. Optei pelo meu sonho”, justifica, sem deixar de salientar as boas recordações dos Salesianos do Estoril, onde estudou do 5.º ao 9.º ano, e da Secundária de Cascais, onde esteve do 10.º ao 12.º.

“A escola, para mim, apesar de ter estado algum tempo fora e não ir todos os dias, como a maior parte dos alunos, traz-me recordações muito importantes: foi onde fiz dos meus melhores amigos, amizades que mantenho até hoje. O mesmo posso dizer dos professores. Embora não tenha ficado amigo deles, lembro-me até hoje dos nomes e da importância que tiveram no meu percurso”, garante, lembrando o “professor José Jardim, de Educação Física, a professora Sílvia, de Inglês, o Prof. Zé Dias, também de Educação Física, ou o Prof. Nuno Nascimento, de Matemática, a Prof. Lúcia, de Economia...”

“Fiquei agradecido a todos eles”, frisa, elogiando a dedicação de quem se entrega a “uma das mais importantes profissões” da sociedade. “Os professores passam muito tempo com os alunos, mais do que os pais, e devem ter também um papel de modelos, conseguir passar valores importantes como: esforço, persistência. Ferramentas que serão também precisas a nível profissional.”